

RAY BRADBURY

**AS MAÇÃS
DOURADAS
DO SOL**



cavalo de ferro

ÍNDICE

A Sirene de Nevoeiro	13
O Caminhante	24
A Bruxa de Abril	31
O Deserto	45
A Fruta no Fundo da Fruteira	58
O Rapaz Invisível	73
A Máquina Voadora	87
O Assassino	94
O Papagaio de Papel Dourado, o Vento Prateado.....	105
Até Nunca Mais	112
Bordado	117
O Grande Jogo entre Negros e Brancos	123
Um Som de Trovão	139
O Vasto Mundo Lá Fora.....	157
Central Eléctrica	175
<i>En la Noche</i>	189
Sol e Sombra	196
O Prado	206
O Homem do Lixo.....	226
O Grande Incêndio	233
Saudações e Despedidas	242
As Maças Douradas do Sol	253

*E este, com amor, é para Neva,
Filha de Glinda,
A Feiticeira Boa do Sul.*

*(...) e colherei até que o tempo e os tempos findem
as maçãs prateadas da Lua,
as maçãs douradas do Sol.*

W. B. YEATS

A SIRENE DE NEVOEIRO

Lá fora, na água fria, longe da costa, esperávamos todas as noites pela chegada do nevoeiro, e ele chegava, e nós oleávamos o mecanismo de bronze e acendíamos o farol no alto da torre de pedra. Como dois pássaros no céu cinzento, McDunn e eu lançávamos o feixe de luz, vermelho, depois branco, depois novamente vermelho, para orientar os barcos solitários. E, caso estes não vissem a nossa luz, havia sempre também a nossa Voz, o grande e profundo grito da nossa Sirene de Nevoeiro que estremecia por entre os farrapos de bruma, assustando as gaivotas e dispersando-as como baralhos de cartas atirados ao ar, elevando as ondas e cobrindo-as de espuma.

– É uma vida solitária, mas agora já estás habituado, não estás? – perguntou McDunn.

– Sim – respondi. – Graças a Deus, és um bom conversador.

– Bom, amanhã é a tua vez de ir a terra – disse ele, sorrindo – dançar com as mulheres e beber *gin*.

– Em que pensas tu, McDunn, quando te deixo aqui sozinho?

– Nos mistérios do mar.

McDunn acendeu o cachimbo. Eram sete e quinze de uma noite fria de Novembro, o aquecimento estava ligado, a luz agitava a sua cauda em duzentas direcções, a Sirene de Nevoeiro zoava na alta garganta da torre. Em cento e sessenta quilómetros de costa, não havia povoações, apenas uma estrada

solitária que atravessava uma região deserta até ao mar, frequentada por poucos carros, um estreito de três quilómetros de água fria até ao nosso rochedo e raríssimos barcos.

— Os mistérios do mar — disse McDunn, pensativo. — Já pensaste que o oceano é o maior floco de neve que existe? Ondula e cresce com mil formas e cores, todas diferentes umas das outras. É estranho. Uma noite, há muitos anos, estava eu aqui sozinho quando todos os peixes do mar vieram ali à superfície. Alguma coisa fez com que nadassem nesta direcção e ficassem a flutuar na baía, como que a tremer, enquanto olhavam para a luz que descia e passava por eles, vermelha, branca, vermelha, de modo que conseguia distinguir os seus olhos esquisitos. Fiquei gelado. Pareciam a cauda de um grande pavão e permaneceram ali fora até à meia-noite. Então, sem qualquer ruído, o milhão de peixes desapareceu, foi-se embora. Fiquei com a ideia de que talvez, de algum modo, tivessem nadado toda aquela distância para prestar veneração. É estranho. Mas imagina como lhes deverá parecer a torre, vinte metros acima da água, a emanar um Deus-luz e a pronunciar-se com uma voz monstruosa. Nunca mais voltaram, aqueles peixes, mas não te parece que, durante algum tempo, acharam que estavam perante a presença d’Ele?

Estremeci. Contemplei o vasto relvado cinzento do mar que se estendia até ao nada e a nenhures.

— Oh, o mar está repleto de mistérios. — McDunn soltou nervosamente baforadas do seu cachimbo e piscou os olhos. Estivera nervoso o dia inteiro e não dissera porquê. — Apesar de todas as nossas máquinas e dos chamados submarinos, ainda vamos levar dez mil séculos até pormos os pés no verdadeiro fundo das terras submersas, nos seus reinos encantados, e conhecermos o *verdadeiro* terror. Pensa bem, lá em baixo ainda é o ano 300 000 a. C. Enquanto nós fomos desfilando ao som de trombetas, separando países e cabeças, eles continuaram a viver sob o mar, a cerca de vinte quilómetros de

profundidade, gelados num tempo tão antigo como a cauda de um cometa.

– Sim, é um mundo antigo.

– Vem daí. Há uma coisa especial que tenho andado para te contar.

Sem pressa, a conversar, subimos os oitenta degraus. No topo, McDunn desligou as luzes da sala para que não houvesse reflexos nas chapas de vidro. O grande olho de luz zumbia, girando com facilidade na sua órbita oleada. A Sirene de Nevoeiro soava regularmente, a cada quinze segundos.

– Parece a voz de um animal, não parece? – McDunn assentiu com a cabeça para si mesmo. – Um grande animal solitário aos gritos na noite. Aqui retido, na orla de dez mil milhões de anos, a berrar para as Profundezas, estou aqui, estou aqui, estou aqui. E as Profundezas respondem-lhe, sim, sem dúvida, respondem-lhe. Já cá estás há três meses, Johnny, e portanto julgo que é melhor preparar-te. Nesta altura do ano – disse ele, estudando a escuridão e o nevoeiro –, algo vem visitar o farol.

– Os cardumes de peixe de que falaste?

– Não, é outra coisa. Não te contei antes porque podias pensar que eu sou doído, mas não posso adiar mais. Se apon-tei bem no meu calendário no ano passado, esta é a noite em que chega. Não vou entrar em pormenores, tens de ver tu mesmo. Deixa-te ficar aí sentado. Amanhã, se quiseres, podes preparar a tua mochila e levar a lancha para ires para terra, pegares no teu carro estacionado ali no pequeno cais do cabo e conduzires de regresso a uma qualquer cidadezinha do interior e manteres as tuas luzes acesas à noite. Não te vou questionar ou censurar. Há três anos que isto acontece e esta é a única vez em que está alguém aqui comigo para o verificar. Espera e observa.

Na meia hora seguinte, trocámos apenas algumas palavras sussurradas. Quando nos cansámos de esperar, McDunn

começou a descrever algumas das suas ideias. Tinha umas quantas teorias sobre a própria Sirene de Nevoeiro.

— Um dia, há muitos anos, um homem que caminhava ao longo da costa fria e sem sol deteve-se a ouvir o som do oceano e disse: «Precisamos de uma voz que chame através das águas, que avise os barcos, e serei eu a criá-la. Uma voz semelhante a todo o tempo e a todo o nevoeiro que já existiu, uma voz que seja como uma cama vazia ao nosso lado durante toda a noite, como uma casa vazia quando abrimos a porta, como as árvores sem folhas no Outono. Um som de pássaros que voam para sul, entre gritos, um som de vento de Novembro e de mar na costa fria e agreste. Vou criar um som tão solitário que não escapará a ninguém, que fará chorar a alma de todos os que o ouvirem, e os corações parecerão mais quentes, e estar dentro de casa parecerá melhor a todos os que o escutarem nas povoações distantes. Vou criar um som e um aparelho a que chamarão Sirene de Nevoeiro. Quem a ouvir conhecerá a tristeza da eternidade e a brevidade da vida.»

A Sirene de Nevoeiro soou.

— Inventei esta história — disse McDunn, em voz baixa — para tentar explicar a razão por que esta coisa continua a regressar ao farol todos os anos. Segundo me parece, a Sirene de Nevoeiro chama-a e ela vem...

— Mas... — disse eu.

— Chiu! — disse McDunn. — Ali. — E apontou para as Profundezas.

Algo nadava em direcção à torre do farol.

Estava uma noite fria, como já referi. O frio instalava-se na torre alta, a luz ia e vinha, e a Sirene de Nevoeiro chamava e tornava a chamar entre os fiapos de névoa. Não se conseguia ver até muito longe, nem muito bem, mas lá estava o mar profundo, movendo-se em redor da terra nocturna, calmo e silencioso, da cor da lama cinzenta, e cá estávamos nós os dois, sozinhos no alto da torre, e, inicialmente ao longe, houve uma

pequena ondulação, seguida de uma onda, uma elevação, uma bolha, um pouco de espuma. E, então, da superfície do mar frio saiu uma cabeça, uma cabeça enorme, escura, com olhos imensos, e depois um pescoço. E, em seguida, não um corpo, mas mais pescoço, e ainda mais! A cabeça ergueu-se a cerca de doze metros acima da água sobre um esguio e belo pescoço escuro. Só então o corpo, como uma ilhota de coral negro, conchas e caranguejos, surgiu do fundo. Houve um movimento de cauda. Ao todo, da cabeça até à ponta da cauda, calculei que o monstro teria uns vinte e cinco ou trinta metros.

Não sei o que terei dito, mas disse alguma coisa.

– Calma, rapaz, calma – murmurou McDunn.

– É impossível! – disse eu.

– Não, Johnny, *nós* é que somos impossíveis. *Aquilo* é como era há dez milhões de anos. Não mudou. *Nós* e a Terra é que mudámos, tornando-nos impossíveis. *Nós!*

O monstro nadava devagar e com grande imponência nas águas geladas, ao longe. O nevoeiro passava por ele, apagando por momentos a sua forma. Um dos seus olhos captou, reteve e reflectiu a nossa luz imensa, vermelha, branca, vermelha, branca, como um disco mantido nas alturas a enviar uma mensagem num código primitivo. Era tão silencioso como o nevoeiro através do qual nadava.

– É uma espécie de dinossauro! – Agachei-me, agarrando o corrimão da escada.

– Sim, um dos membros da tribo.

– Mas desapareceram todos!

– Não, apenas se esconderam nas Profundezas. No fundo, bem no fundo, nas mais profundas Profundezas. *Esta* palavra agora faz sentido, não faz, Johnny? É real e diz tanto: as Profundezas. Todo o frio, toda a escuridão e toda a profundidade existem numa palavra como esta.

– O que vamos fazer?

– Fazer? Temos o nosso trabalho, não podemos ir embora. Além disso, estamos mais seguros aqui do que em qualquer barco que tentasse chegar a terra. Aquela criatura é tão grande como um contratorpedeiro e quase tão rápida.

– Mas aqui, porque vem *aqui*?

No momento seguinte, tive a minha resposta.

A Sirene de Nevoeiro soou.

E o monstro respondeu.

Um grito atravessou um milhão de anos de água e bruma. Um grito tão angustiado e triste que ressoou na minha cabeça e no meu corpo. O monstro gritou para a torre. A Sirene de Nevoeiro soou. O monstro rugiu outra vez. A Sirene de Nevoeiro soou. O monstro abriu a enorme boca dentada e o som que dela saiu foi o da própria Sirene de Nevoeiro. Solitário, imenso e longínquo. O som do isolamento, de um mar invisível, de uma noite gelada, da distância. Era esse o som.

– Percebes agora – murmurou McDunn – a razão por que aqui vem?

Assenti com a cabeça.

– Durante todo o ano, Johnny, aquele pobre monstro mantém-se afastado, a mais de mil quilómetros da costa e talvez a cerca de vinte quilómetros de profundidade, aguardando o momento certo. Talvez seja uma criatura com um milhão de anos. Pensa nisto: um milhão de anos à espera; conseguirias *tu* esperar tanto tempo? Talvez seja o último da sua espécie. Eu acho que deve ser. Em todo o caso, há cinco anos, vêm de terra uns homens e constroem este farol. E instalam a Sirene de Nevoeiro e fazem-na soar e soar na direcção do sítio onde te tinhas enterrado no sono e nas memórias marinhas de um tempo em que havia milhares como tu, embora agora estejas só, completamente só num mundo que não foi feito para ti, um mundo onde tens de te esconder.

» Mas o som da sirene vem e vai, vem e vai, e tu despertas no fundo lodoso das Profundezas, e os teus olhos abrem-se

como lentes de câmaras de sessenta centímetros, e começas a mexer-te devagar, muito devagar, porque tens sobre os teus ombros o peso do oceano. Mas aquela Sirene de Nevoeiro chega através de mais de mil quilómetros de água, fraca e familiar, e a fornalha na tua barriga aviva-se e tu inicias a subida, devagar, muito devagar. Alimentas-te de grandes cardumes de bacalhau e de peixes de pequenas dimensões, de rios de medusas, e vais subindo lentamente durante o Outono, ao longo de Setembro, quando os nevoeiros começam, e Outubro, com mais nevoeiro e a sirene ainda a chamar-te, até que, no final de Novembro, depois de te pressurizares dia após dia, ascendendo alguns metros por hora, ficas perto da superfície e ainda estás vivo. Tens de ir devagar: se te apressas a emergir, explodes. Por isso, demoras três meses inteiros para vir à tona, e mais alguns dias para nadar nas águas frias até ao farol. E ali estás tu, lá fora, na noite, Johnny, o maior dos monstros de toda a criação. E aqui está o farol a chamar-te, com um pescoço comprido como o teu a erguer-se sobre a água, e um corpo como o teu corpo, e, mais importante ainda, uma voz como a tua voz. Percebes agora, Johnny, percebes?

A Sirene de Nevoeiro soou.

O monstro respondeu.

De facto, vi e compreendi tudo. O milhão de anos de espera solitária pelo regresso de alguém que jamais voltaria. O milhão de anos de isolamento no fundo do mar, o alheamento temporal ali, enquanto os céus deixavam de ter pássaros-répteis, os pântanos secavam nos continentes, as preguiças-gigantes e os dentes-de-sabre conheciam o seu fim, afundando-se em poços de alcatrão, e os homens corriam como formigas-brancas pelas colinas.

A Sirene de Nevoeiro soou.

— No ano passado — disse McDunn —, aquela criatura passou a noite inteira a dar voltas e mais voltas em torno do farol, sem se aproximar muito. Julgo que estava intrigada. Com medo,

talvez. E um pouco irritada, depois de ter feito todo aquele caminho. Mas, no dia seguinte, inesperadamente, o nevoeiro dissipou-se, o Sol surgiu muito brilhante e o céu ficou azul como num quadro. Então, o monstro nadou para longe, afastando-se do calor e do silêncio, e não voltou. Suponho que terá ficado a cismar no assunto durante o último ano, a pensar no que aconteceu de todas as maneiras possíveis.

O monstro encontrava-se agora a não mais de cem metros, trocando berros com a Sirene de Nevoeiro. Quando as luzes os atingiam, os olhos do monstro eram fogo e gelo, fogo e gelo.

— É assim a vida — disse McDunn. — Sempre alguém que espera por alguém que nunca regressa a casa. Sempre alguém que ama alguma coisa mais do que a coisa o ama de volta. E, ao fim de algum tempo, procura destruir o que quer que essa coisa seja, para que ela não o possa magoar mais.

O monstro acercava-se do farol.

A Sirene de Nevoeiro soou.

— Vejamos o que acontece — disse McDunn.

E desligou a Sirene de Nevoeiro.

O minuto de silêncio que se seguiu foi tão intenso que, na área envidraçada da torre, podíamos ouvir os nossos corações a bater, podíamos ouvir o lento e oleado girar da luz.

O monstro deteve-se e ficou imóvel. Os seus olhos, grandes como lanternas, piscaram. Abriu a boca. Emitiu uma espécie de ribombo, como um vulcão. Virou a cabeça em várias direcções, como se procurasse os sons que agora se perdiam no nevoeiro. Examinou o farol. Voltou a ribombar. Depois, os seus olhos incendiaram-se. Ergueu-se, golpeou a água e avançou velozmente para a torre, com os olhos repletos de um tormento enraivecido.

— McDunn! — gritei. — Liga a sirene!

McDunn atrapalhou-se com o interruptor e, quando o conseguiu ligar, já o monstro se erguia na vertical. Vi de relance as suas garras gigantescas, as membranas escamosas que

brilhavam entre saliências semelhantes a dedos, numa investida contra a torre. O enorme olho direito da sua cabeça angustiada refulgiu perante mim como um caldeirão em que eu pudesse cair, aos gritos. A torre estremeceu. A Sirene de Nevoeiro berrou; o monstro berrou. Agarrou a torre e abocanhou o vidro, que se estilhaçou sobre nós.

McDunn agarrou-me pelo braço.

– Lá para baixo!

A torre abanava, tremia e começava a ceder. A Sirene de Nevoeiro e o monstro ribombavam. Tropeçámos e quase caímos pelas escadas abaixo.

– Depressa!

Alcançámos o patamar inferior no momento em que a torre começou a ruir. Encolhemo-nos sob as escadas na pequena cave de pedra. Houve mil impactos à medida que as pedras choçavam. A Sirene de Nevoeiro calou-se abruptamente. O monstro tombou sobre a torre. E a torre desmoronou-se. Ajoelhados, eu e McDunn, mantínhamo-nos juntos, enquanto o nosso mundo explodia.

Depois acabou tudo, nada mais restando do que a escuridão e o marulhar das ondas nas pedras ásperas.

Isso e o outro som.

– Escuta – disse McDunn, em voz baixa. – Escuta.

Esperámos um pouco. E, então, comecei a ouvir. Primeiro, uma grande aspiração de ar e, em seguida, o lamento, a perplexidade, a solidão do grande monstro, dobrado sobre e por cima de nós, acima de nós, de modo que o cheiro nauseabundo do seu corpo enchia o ar, só com a espessura da pedra a separá-lo da nossa cave. O monstro arfava e lamentava-se. A torre desaparecera. A luz desaparecera. Aquilo que o chamara através de um milhão de anos desaparecera. E o monstro abria a boca e emitia grandes sons. Os sons de uma Sirene de Nevoeiro, uma e outra vez. E os navios ao longe no mar, não vendo a luz, não vendo nada, mas passando a altas horas da noite e

ouvindo, devem ter pensado: *Ali está ele, o som solitário, a sirene da Baía Solitária. Está tudo bem. Dobrámos o cabo.*

E assim foi durante o resto daquela noite.

Na tarde seguinte, quando a equipa de socorro nos veio desenterrar da nossa cave sob os escombros, o Sol estava quente e amarelo.

– Desabou. Não há muito a acrescentar – disse McDunn, num tom grave, antes de me beliscar o braço. – Sofremos alguns impactos fortes das ondas e acabou simplesmente por desmoronar.

Não havia nada para ver. O mar estava calmo, o céu azul. A única coisa digna de nota era o fedor a algas proveniente da substância verde que cobria as pedras da torre caída e as rochas costeiras. As moscas zumbiam em volta. No entanto, as águas do oceano chegavam vazias à costa.

No ano seguinte, construíram um novo farol, mas, por essa altura, já eu me casara e tinha um emprego numa cidadezinha e uma boa casita quente que emanava uma luz amarela nas noites de Outono, com as portas trancadas e a chaminé a fumejar. Quanto a McDunn, era o mestre do novo farol, construído em betão armado, de acordo com as suas próprias indicações.

– Por via das dúvidas – referira ele.

O novo farol ficou pronto em Novembro. Num fim de tarde, conduzi até lá sozinho, estacionei o carro, olhei através das águas cinzentas e escutei a nova sirene enquanto ela soava uma, duas, três, quatro vezes por minuto, também sozinha.

O monstro?

Nunca mais voltou.

– Foi-se embora – disse McDunn. – Regressou às Profundezas. Aprendeu que não se pode amar demais nada neste mundo. Foi para o fundo das Profundezas, aguardar mais um

milhão de anos. Ah, pobre criatura! Ali à espera e à espera, enquanto o homem vem e vai neste pequeno e deplorável planeta. À espera e à espera.

Sentado no meu carro, não conseguia ver o farol ou a luz projectada na Baía Solitária. Só conseguia ouvir a Sirene, a Sirene, a Sirene. Soava como o chamamento do monstro.

Deixei-me ficar ali sentado, desejando que houvesse algo que eu pudesse dizer.

O CAMINHANTE

Entrar naquele silêncio que era a cidade às oito horas de uma noite enevoada de Novembro, pisar aquele passeio de betão irregular, passar por cima das fendas onde a erva crescia e abrir caminho, de mãos nos bolsos, através dos silêncios – era isso que o senhor Leonard Mead mais gostava de fazer. Parava na esquina de um cruzamento, observava as longas avenidas de passeios enluarados que se estendiam em quatro direcções e decidia que caminho tomar. Na verdade, não fazia grande diferença, pois estava sozinho naquele mundo de 2053 d. C., ou como se estivesse sozinho, e com uma decisão tomada, um trajecto escolhido, voltava a avançar, lançando baforadas de ar gelado que formavam padrões à sua frente como o fumo de um charuto.

Por vezes, andava durante horas e quilómetros e só regressava a casa à meia-noite. Pelo caminho, via as casas e os apartamentos com as suas janelas escuras, e não era muito diferente de atravessar um cemitério, surgindo apenas uns ténues lampejos de luz de pirilampo atrás dos vidros. Nas paredes interiores de quartos onde as cortinas ainda não haviam sido fechadas contra a noite, pareciam manifestar-se súbitos fantasmas cinzentos, ao passo que, em edifícios tumulares com alguma janela ainda aberta, se ouviam sussurros e murmúrios.

O senhor Leonard Mead fazia uma pausa, inclinava a cabeça, ouvia, olhava e seguia em frente, sem que os seus pés fizessem barulho no passeio irregular. Há muito tempo que escolhera sabiamente usar sapatilhas quando passeava à noite, porque os cães, em matilhas intermitentes, acompanhariam a sua viagem com latidos se usasse solas duras, e poderiam acender-se luzes, aparecer rostos e toda uma rua inteira ficar assustada com a passagem de uma figura solitária, ele próprio, no início de uma noite de Novembro.

Nesta noite em particular, começou a sua viagem no sentido oeste, rumo ao mar escondido. Havia uma forte geada cristalina no ar que cortava o interior do nariz e fazia arder os pulmões como uma árvore de Natal: era possível sentir o circuito da luz gelada, todos os ramos cobertos de uma neve invisível. O senhor Mead escutava com satisfação o leve susurro das suas solas macias através das folhas de Outono e assobiava uma ténue melodia fria, apanhando de passagem uma ou outra folha, examinando o seu padrão esquelético à luz dos postes eléctricos esparsos e sentindo o seu odor a ferrugem.

— Olá, aí dentro — murmurava ele para todas as casas de todos os lados à medida que avançava. — O que está a dar esta noite no Canal 4, no Canal 7, no Canal 9? Para onde se apressam os *cowboys*? E será que estou a ver a Cavalaria dos Estados Unidos já na colina mais próxima para prestar auxílio?

A longa rua estava silenciosa e vazia, apenas com a sua sombra a mover-se como a sombra de um falcão no meio do campo. Se ele fechasse os olhos e ficasse muito quieto, imóvel, poderia imaginar-se no centro de uma planície, num deserto invernos e sem vento do Arizona, sem nenhuma casa num raio de mil quilómetros e apenas com os leitos secos dos rios, as ruas, como companhia.

— O que está a passar agora? — perguntou ele às casas, reparando no seu relógio de pulso. — Oito e meia da noite.

Será uma dezena de vários tipos de homicídios? Um concurso de perguntas e respostas? Um musical? Um comediante a cair do palco?

Eram mesmo risos abafados que vinham do interior de uma casa branca como a Lua? Hesitou um instante, mas prosseguiu quando nada mais aconteceu. Depois tropeçou num troço de passeio particularmente desnivelado. O cimento ia desaparecendo sob as flores e a erva. Em dez anos de caminhadas nocturnas ou diurnas, tendo percorrido milhares de quilómetros, jamais encontrara outro caminhante. Nem um só em todo esse tempo.

Chegou a um cruzamento em forma de trevo, agora silencioso, onde duas estradas principais atravessavam a cidade. Durante o dia, era uma torrente ruidosa de carros, com as bombas de gasolina abertas, um grande farfalhar semelhante ao de insectos numa luta incessante pela melhor posição, enquanto os automóveis, como escaravelhos, deixando escapar um leve incenso dos seus escapes, se afastavam de casa rumo às direcções mais distantes. Mas agora também estas estradas eram como riachos numa estação seca, só pedra, leito e brilho da Lua.

O senhor Mead entrou numa rua secundária, dando a volta para regressar a casa. Encontrava-se a um quarteirão do seu destino quando um carro solitário dobrou uma esquina de repente e lançou sobre ele um forte cone de luz branca. O senhor Mead ficou numa espécie de transe, quase como uma mariposa nocturna, atordoado pela iluminação e depois atraído para ela.

Uma voz metálica interpelou-o:

– Pare. Fique onde está! Não se mexa!

O senhor Mead deteve-se.

– Levante as mãos!

– Mas... – disse ele.

– Mãos ao alto! Ou disparamos!

A polícia, claro, mas que coisa rara e incrível: numa cidade de três milhões de habitantes, só restava *um* carro da polícia, não era verdade? Um ano antes, 2052, o ano das eleições, as forças policiais tinham sido reduzidas de três carros para um. A criminalidade estava a diminuir e já não havia necessidade de polícia, salvo este único carro solitário que vagueava e vagueava pelas ruas vazias.

– O seu nome? – perguntou o carro da polícia num tom metálico.

Não conseguia ver os homens lá dentro porque a luz brilhante o cegava.

– Leonard Mead – disse ele.

– Fale mais alto!

– Leonard Mead!

– Actividade ou profissão?

– Penso que me podem considerar escritor.

– Sem profissão – disse o carro da polícia, como se estivesse a falar sozinho. A luz mantinha-o preso, como um espécime de museu com uma agulha espetada no peito.

– Pode dizer-se que sim – afirmou o senhor Mead. Há anos que não escrevia. Já não se vendiam revistas nem livros. *Agora, tudo se passava nas casas tumulares à noite*, pensou ele, continuando a dar asas às suas fantasias. Os túmulos, mal iluminados pela luz da televisão, eram onde as pessoas se sentavam como mortos, com luzes cinzentas ou multicores a tocarem-lhes os rostos, mas sem nunca se sentirem realmente tocadas.

– Sem profissão – sibilou a voz fonográfica. – O que está a fazer na rua?

– A caminhar – disse Leonard Mead.

– A caminhar!

– Só a caminhar – disse ele simplesmente, mas sentiu o rosto gelado.

- A caminhar, só a caminhar, caminhar?
- Sim, senhor.
- Caminhar para onde? Para quê?
- Caminhar para apanhar ar. Caminhar para *ver*.
- A sua morada!
- Saint James Street, sul, número 11.
- E há ar *na* sua casa, tem um aparelho de ar *condicionado*, senhor Mead?
- Sim.
- E tem uma tela de visualização?
- Não.
- Não? – Houve um silêncio crepitante que, por si só, era uma acusação. – É casado, senhor Mead?
- Não.
- Não é casado – disse a voz da polícia por trás do feixe de luz ofuscante.

A Lua estava alta e clara entre as estrelas, e as casas mostravam-se cinzentas e silenciosas.

– Ninguém me queria – disse Leonard Mead com um sorriso.

– Não fale a não ser que lhe seja solicitado!

Leonard Mead esperou na noite fria.

– Só a *caminhar*, senhor Mead?

– Sim.

– Mas não explicou com que propósito.

– Eu expliquei: para apanhar ar, para ver e apenas para passear.

– Já o fez muitas vezes?

– Todas as noites durante anos.

O carro da polícia estava parado no centro da rua, com o seu rádio a produzir um ténue zumbido.

– Bem, senhor Mead...

– É tudo? – perguntou ele educadamente.

– Sim – respondeu a voz. – Venha. – Ouviu-se um suspiro, um estalido. A porta traseira do carro da polícia abriu-se. – Entre.

– Espere lá, eu não fiz nada!

– Entre.

– Protesto!

– Senhor Mead.

Avançou como um homem subitamente embriagado. Ao passar junto ao vidro dianteiro, olhou para dentro do carro. Como esperava, não havia ninguém no banco da frente, ninguém no carro.

– Entre.

Pôs a mão na porta e espreitou para o banco de trás, que era uma pequena cela, uma pequena prisão preta com grades. Cheirava a aço rebitado. Cheirava a anti-séptico forte, a algo demasiado limpo, duro e metálico. Não havia ali nada suave.

– Se tivesse uma mulher para lhe fornecer um álibi – disse a voz férrea. – Mas...

– Para onde me vão levar?

O carro hesitou, ou, melhor, produziu um leve clique giratório, como se a informação estivesse a ser processada algures e a surgir em cartão atrás de cartão perfurado sob olhos eléctricos.

– Para o Centro Psiquiátrico de Investigação de Tendências Regressivas.

Leonard Mead entrou. A porta fechou-se com um ruído surdo. O carro da polícia atravessou as avenidas nocturnas, projectando em frente as suas luzes esbatidas.

Pouco depois passaram por uma casa numa rua, uma casa numa cidade inteira de casas às escuras, embora esta em particular tivesse todas as suas luzes eléctricas bem acesas, cada janela constituindo um foco de iluminação amarelo forte, rectangular e quente na escuridão fria.

– Aquela é a *minha* casa – disse Leonard Mead.
Ninguém lhe respondeu.

O carro deslizou pelas ruas que faziam lembrar o leito de um rio seco e afastou-se, deixando as ruas e os passeios vazios, sem nenhum som ou movimento durante todo o resto da fria noite de Novembro.

A BRUXA DE ABRIL

Pelo ar, sobre os vales, sob as estrelas, por cima de um rio, um lago, uma estrada, voava Cecy. Invisível como os novos ventos da Primavera, fragrante como o aroma dos trevos libertado pelos campos ao crepúsculo, voava ela. Planava em pombas macias como arminho branco, detinha-se nas árvores e vivia nas flores, desprendendo-se em pétalas quando a brisa soprava. Empoleirava-se numa rã verde-lima, fresca como a hortelã, junto a um pequeno lago brilhante. Trotava num cão espinhoso e ladrava para ouvir os ecos vindos dos celeiros distantes. Vivia nas novas ervas de Abril, nos doces líquidos claros que brotavam da terra almiscarada.

É Primavera, pensava Cecy. Esta noite estarei em todos os seres vivos do mundo.

Tanto habitava grilos airosos nos caminhos com poças de alcatrão como, logo a seguir, o orvalho que formigava num portão de ferro. Era detentora de uma mente que se adaptava com rapidez e fluía sem ser vista sobre os ventos do Illinois, nesta noite da sua vida em que tinha apenas dezassete anos.

– Quero apaixonar-me – confessara ela.

Dissera-o ao jantar. E os pais tinham arregalado os olhos e retesado as costas nas suas cadeiras.

– Paciência – aconselharam eles. – Lembra-te de que és especial. Toda a nossa família é invulgar e especial. Não nos

podemos misturar ou casar com gente comum. Perderíamos os nossos poderes mágicos se o fizéssemos. Não gostarias de perder a tua capacidade de «viajar» por meio da magia, pois não? Então, tem cuidado. Tem cuidado!

No entanto, no seu grande quarto, Cecy passara perfume pelo pescoço e esticara-se, trémula e apreensiva, na cama de dossel, enquanto uma Lua da cor do leite se erguia sobre os campos do Illinois, transformando os rios em nata e as estradas em platina.

— Sim — suspirou ela. — Faço parte de uma família esquisita. Dormimos de dia e voamos de noite, como papagaios de papel negros ao vento. Se quisermos, podemos dormir em toupeiras durante o Inverno, na terra morna. Posso viver em qualquer coisa: uma pedra, um croco ou um louva-a-deus. Posso deixar este meu corpo pouco atraente e ossudo para trás e enviar a minha mente para longe, em busca de aventuras. Agora!

Subitamente, o vento envolveu-a e transportou-a sobre os campos e os prados.

Cecy viu as cálidas luzes primaveris das casas e das quintas que brilhavam com cores crepusculares.

Se não posso viver uma paixão, eu própria, por ser pouco atraente e esquisita, então vivê-la-ei através de outra pessoa, pensou ela.

No exterior de uma casa de uma quinta, naquela noite primaveril, uma rapariga de cabelo preto, com não mais de dezanove anos, tirava água de um poço de pedra profundo. Enquanto o fazia, cantava.

Cecy caiu — uma folha verde — no poço. Deixou-se ficar no musgo macio do poço a olhar para cima através da negra frescura. Depois vivificou numa ameba flutuante e invisível. Em seguida, numa gota de água! Por fim, dentro de uma taça fria, sentiu-se a ser levada aos lábios mornos da rapariga. Ouviu-se um suave som nocturno de água a ser bebida.

Cecy olhou em redor pelos olhos da rapariga.

Entrou na cabeça escura e, através dos olhos brilhantes, observou as mãos que puxavam a corda áspera. Pelas orelhas em forma de concha, ouviu o mundo desta rapariga. Cheirou um universo particular através das narinas delicadas, sentiu um coração especial que não parava de bater. Sentiu a estranha língua que se movia a cantar.

Será que ela sabe que eu estou aqui?, pensou Cecy.

A rapariga sobressaltou-se. Observou atentamente os prados nocturnos.

– Quem está aí?

Não houve resposta.

– É só o vento – murmurou Cecy.

– É só o vento. – A rapariga riu-se de si mesma, mas teve um arrepio.

Era um bom corpo, o dela. Tinha ossos do mais fino e esguio marfim, envoltos em carnes arredondadas. O cérebro era como uma rosa-chá, suspensa na escuridão, e tinha um sabor a cidra na boca. Os lábios firmes contornavam dentes muito brancos, as sobrancelhas arqueavam-se elegantemente para o mundo e o cabelo esvoaçava, suave e bonito, sobre o pescoço esbranquiçado. Os poros eram pequenos e formavam uma malha cerrada. O nariz inclinava-se para a Lua e as faces resplandeciam como pequenas fogueiras. O corpo transitava de um movimento para o outro com o equilíbrio de uma pena e parecia estar sempre a cantar para si mesmo. Permanecer neste corpo, nesta cabeça, era como reconfortar-se numa lareira, viver no ronronar de um gato adormecido, deixar-se levar nas águas tépidas de um riacho que corresse de noite para o mar.

Vou gostar de aqui estar, pensou Cecy.

– O quê? – perguntou a rapariga, como se tivesse ouvido uma voz.

– Como te chamas? – perguntou Cecy, com cautela.

– Ann Leary. – A rapariga estremeceu. – Mas porque é que eu disse isto em voz alta?

– Ann, Ann – murmurou Cecy. – Ann, vais apaixonar-te.

Como que em resposta, ouviu-se um grande barulho vindo da estrada, um estrépito e um som de rodas no saibro. Apareceu então um homem alto a guiar uma carruagem, com uns braços enormes que erguiam bem alto as rédeas e um sorriso que reluzia através da granja.

– Ann!

– És tu, Tom?

– Quem mais poderia ser?

Tom saltou da carruagem e atou as rédeas à cerca.

– Não falo contigo!

Ann virou-se bruscamente, entornando alguma da água do balde que tinha nas mãos.

– Não! – gritou Cecy.

Ann deteve-se. Olhou para as colinas e para as primeiras estrelas primaveris. Observou o homem chamado Tom.

Cecy fê-la deixar cair o balde.

– Olha o que fizeste!

Tom correu para ela.

– Olha o que me *fizeste* fazer!

Tom limpou-lhe os sapatos com um lenço e riu-se.

– Afasta-te!

Ann deu-lhe pontapés nas mãos, mas ele riu de novo, e a olhá-lo de cima, a quilómetros de distância, Cecy viu-lhe a forma da cabeça, o tamanho do crânio, o contorno do nariz, o brilho dos olhos, a largura dos ombros e a força bruta das mãos que faziam um trabalho delicado com o lenço. Espreitando para baixo a partir do sótão secreto daquela cabeça adorável, Cecy puxou um fio de ventríloquo oculto e a linda boca abriu-se:

– Obrigada!

– Ah, afinal *tens* maneiras.

Um monstro escondido nas profundezas visita todos os anos um farol isolado; um homem, ensandecido pela tecnologia, decide assassinar a própria casa; uma mulher descobre a fé numa central eléctrica; duas jovens estão prestes a mudar-se para Marte. Eis alguns dos protagonistas das narrativas breves que compõem *As Maças Douradas do Sol*, «tesouro cultural da modernidade» em que o fantástico, o absurdo, o misterioso e o cómico se cruzam para pintar o ontem, o hoje e o amanhã. Escritos numa linguagem e estilo únicos, com simplicidade desarmante, olhar profético e poesia avassaladora, são contos que iluminam a condição humana e inquietam a nossa forma de pensar.

Originalmente publicada em 1953 e contendo vinte e duas histórias até aí dispersas em revistas, *As Maças Douradas do Sol* é uma das obras mais icónicas da bibliografia de Ray Bradbury e constitui uma amostra intemporal do universo literário do autor norte-americano.

«É impossível ficar indiferente
ao vigor da prosa, às imagens e metáforas
que jorram sem parar da sua imaginação.»

The Spectator



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f [cavalodeferro](#)

@ [penguinlivros](#)

ISBN 9789897870194



9 789897 870194 >